

# POR UMA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NO JOGO TEATRAL

## TOWARDS AN AESTHETIC OF RECEPTION IN THE THEATER PLAY

Márcio Silveira dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

No presente texto procuro tecer uma breve reflexão, a luz da estética da recepção, abordando questões referentes a posição do aluno/espectador durante aulas de teatro. Tomando como referência alguns autores dos estudos da Recepção Teatral e da pedagogia teatral, como Clóvis Massa, Wolfgang Iser, Ingrid Dormien Koudela, Ricardo Japiassu, Patrice Pavis, estabelecendo relações e perspectivas de pesquisa sobre a situação do aluno como espectador, criador e receptor de fruções estéticas durante o jogo teatral em sala de aula.

**Palavras-chave:** Estética da recepção. Jogo teatral. Pedagogia teatral.

### ABSTRACT

*In this text I seek to provide a brief reflection, in the light of reception aesthetics, addressing issues relating to the position of the student/spectator during theater classes. Taking as a reference some authors of Theatrical Reception studies and theatrical pedagogy, such as Clóvis Massa, Wolfgang Iser, Ingrid Dormien Koudela, Ricardo Japiassu, Patrice Pavis, establishing relationships and research perspectives on the situation of the student as spectator, creator and receiver of aesthetic enjoyments during theatrical play in the classroom.*

**Keywords:** Reception aesthetics. Theatrical game. Theatrical pedagogy.

---

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/5107444553588269>.

## **Introdução**

O que se pretende aqui não é estabelecer novos paradigmas a respeito do espectador da cena contemporânea e sim a luz da estética da recepção teatral levantar questões referentes ao aluno/espectador durante aulas de teatro. Tomando como referência alguns autores dos estudos da Recepção Teatral e da pedagogia teatral, procurando estabelecer relações e perspectivas de pesquisa sobre a situação do aluno como espectador, criador e receptor de fruições estéticas durante o jogo teatral em sala de aula.

Primeiro se faz necessário uma introdução ao contexto da sala de aula bem como as diferenças entre o jogo teatral e o jogo dramático para depois estabelecermos uma relação com a teoria da estética da recepção teatral.

### **O jogo teatral na sala de aula**

O espaço da sala de aula na maioria das vezes não possui as características de um palco teatral, seja ele italiano ou elisabetano, mas se aproxima de uma arena se modificar o espaço físico, geralmente lotado de cadeiras e mesas escolares. Também há uma superlotação deste espaço, turmas compostas de muitos alunos, o que dificulta muito a possibilidade de realizar uma aula calcada no jogo lúdico. Mas para esta situação há uma metodologia que permite trabalhar jogos teatrais com numerosas turmas em espaços pequenos, o sistema de jogos teatrais spolianos. Este sistema da professora norte-americana Viola Spolin foi introduzido oficialmente no Brasil através da tradução do livro *“Improvisação para o Teatro”*, pela professora doutora Ingrid Dormien Koudela, em 1979, e disseminado a partir dos pesquisadores em teatro-educação da Escola de Artes - ECA/USP.

Os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas. No jogo teatral o grupo de alunos que joga pode se dividir em equipes que se alternam nas funções de “jogadores” e de “observadores”, ou seja, uns jogam para os

outros que observam. Diferentemente do jogo dramático onde todos os alunos são atores/criadores de uma situação imaginária. Vale lembrar que as palavras “teatro” e “drama” são oriundas da língua grega e significam “lugar de onde se vê” (JAPIASSU, 2001, p. 19) e “eu faço, eu luto” (SLADE, 1978, p. 18). O jogo dramático também conhecido como “faz-de-conta” antecede o jogo teatral e a passagem de um para o outro se dá ao longo do desenvolvimento cognitivo e cultural do aluno, segundo Koudela seria uma transição muito gradativa, “que envolve o problema de tornar manifesto o gesto espontâneo e depois levar o sujeito à decodificação do seu significado, até que ela o utilize conscientemente, para estabelecer o processo de comunicação com a plateia” (1992, p. 45).

Um pouco diferente do jogo dramático, o jogo teatral é mais intencional e visivelmente é dirigido para observadores, pressupõe a existência de uma platéia, ocorrendo assim interações durante o jogo. Conforme Ricardo Japiassu:

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSU, 2002, p. 20).

Essa comunicação existente durante o jogo teatral se dá através da expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e lingüísticos na sua especialidade estética, reconhecendo o teatro como forma de conhecimento que mobiliza, estimula e coordena as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do aluno, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana culturalmente determinada.

## **A estética da recepção no jogo**

Tomando como base o caráter comunicativo do jogo teatral e a fomentação de uma estética através da percepção teatral do aluno que assiste àquele que

faz, podemos estabelecer relações com as perspectivas de uma estética da recepção teatral defendidas pelo professor doutor Clóvis Dias Massa:

O processo cognitivo conecta a vida real com a representação teatral, a qual adquire sentido pelo aporte do espectador: ele é o fundamento capaz de produzir significado ao que lhe chega por meio da sensorialidade e de maneira simultânea refletir e se emocionar com a encenação. (...) Antes de ser coletiva, a experiência estética é pessoal, deriva do horizonte de expectativa em que se inscreve a paisagem cultural do espectador. Estimulada pela sensorialidade e intensificada pela imaginação (a qual constrói e desconstrói conexões na simultaneidade da recepção), a experiência da leitura é sempre diacrônica. (...) O que pode ser objetivado pelos encenadores ou subjetivado pela audiência resulta em teatralidade e se apresenta como pressuposto estético à recepção teatral. (MASSA, 2007, p. 107).

Durante o jogo teatral na sala de aula, a partir da divisão palco e platéia, temos pressupostos básicos para a afirmação de uma estética teatral, onde há o espaço das cenas criadas e o do espectador, constituída da outra parte da turma de alunos, que assiste adquirindo significados quando o que é mostrado toca seu íntimo. E esse espectador vai apreciar a encenação pela “via sensorial, expandir sua imaginação, ver-se refletido no fenômeno, emocionar-se e passar infinitas vezes pelo processo contínuo de sensação, reflexão e pensamento da experiência estética.” (MASSA, 2007, p. 107).

Dentro desta perspectiva, as cenas assistidas produzem efeitos no espectador, estes efeitos atualizam-se durante o processo de comunicação e de interação com a encenação. Assim novas significações são despertadas no espectador, derivando um novo “objeto estético”. Semelhante ao que vai considerar o teórico dos estudos literários Wolfgang Iser, com sua teoria do Efeito Estético, onde a obra literária só se concretiza no ato da leitura do texto, “no processo da leitura se realiza a interação entre a estrutura da obra e seu receptor” (1996, p. 50), somente através da consciência daquele que lê é que se estabelece a constituição do texto. Assim se empregarmos os mesmos conceitos para o jogo teatral, teremos a concretização da cena “lida/percebida” pelo aluno/espectador.

Existiria, deste modo, um leitor implícito, que estabeleceria inevitavelmente novos “arranjos” com as obras apreciadas. A capacidade de compreensão do texto entra em ação quando este se refere a normas e valores que são partes do universo do leitor, que estimulam os atos de interpretar o próprio texto lido.

O leitor implícito, para Iser, não estaria naquele leitor/receptor sensível e passível apenas da recepção do que lê, mas, sobretudo estaria no ato da leitura enquanto verdadeira experiência humana, que desencadeia e reverbera novos diálogos com o leitor e suas experiências, nos processos criativos e no estabelecer de novos e possíveis diálogos da obra com o leitor, “teríamos os primeiros indícios do prazer estético, uma possível identificação com a obra, mas não a obra pela obra, mas pelo desejo do conhecimento profundo de sua estrutura composicional”. (JUNIO, 2018, p. 79).

Nessa perspectiva, no teatro este leitor/espectador pode vir a ser um ator implícito na medida em que realiza diferentes combinações de perspectivas narrativas, combinações das quais derivam modos diversos de compreensão das cenas. Para Jean Pierre Sarrazac (2007, p. 01) “o conjunto ‘teatro’ somente existe *por e dentro* do olhar do espectador”. Há uma reencenação, o espectador passa a ser em certa medida o coautor. Pressupondo um diálogo constante, alimentando de certa forma os atores, bem como estimulando os demais momentos, como o debate e da troca de sensações/percepções, entre os discentes na sala de aula.

Ao colocar os alunos como público para ser analisado, como neste texto, é importante lembrar que se leve em conta o contexto social destes. Pois, se trata de um público que difere daquele presente nos teatros freqüentados por pessoas de um padrão econômico e cultural mais elevado. Bem como a sua época, o seu contexto, como nos lembra Patrice Pavis:

... uma enquete “sociologista” que estabelecerá a composição social de um público ficará muda a respeito do processo de recepção e de aquisição individual do texto. Esta recepção não se compreenderá a não ser que se leve em conta (com Brecht, por exemplo) duas historicidades: da obra no interior de seu contexto literário e social; do

receptor, no seio de sua época, seu sistema de expectativa ideológica e estética. (PAVIS, 2007, p. 03)

É preciso então estar atento as diferentes classes sociais, aos diversos temas vigentes na atualidade e aos contrastes econômicos, pois é necessária uma contextualização para melhor compreensão das reflexões buscadas. Os fatores que influenciam e são denominadores para uma recepção estética no jogo teatral.

## **Considerações**

O que podemos considerar, por hora, é que embora a situação do jogo teatral na sala de aula não tenha um caráter de “teatro profissional”, ainda assim, nesta situação de representação teatral é possível estabelecer paralelos, conexões e observar os elementos da estética da recepção teatral e seus pressupostos. Também é importante que o professor tenha o conhecimento dos processos da recepção estética que surgem no bojo da ludicidade das aulas de teatro.

## **Referencias**

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura uma teoria do efeito estético- volume 01*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. *Metodologia de Ensino de Teatro*. São Paulo: Papirus, 2001.

JUNIO, César B. de Souza, O Texto dramático como objeto de Arte e sua inter-relação com o leitor. UFMT: *Revista Diálogos*, v.6, n.3, out.- dez. 2018. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/1%3BANio/5014>. Acesso em: 20 de out. 2023.

KOUDELA, Ingrid Dormien. *Jogos Teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MASSA, Clóvis Dias. *Estética Teatral e Teoria da Recepção*. In 1º Concurso Nacional de Monografias: Prêmio Gerd Bornheim: teatro no Brasil/teatro no Rio Grande do Sul. Coordenação Maurício Guzinski. Vol. 03. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2007.

PAVIS, Patrice. *Por Uma Estética da recepção Teatral*. Tradução Clóvis Dias Massa para fins didáticos, para disciplina Recepção Teatral e Contemporaneidade PPGAC-IA-UFRGS. Porto Alegre, 2007.

SARRAZAC, Jean Pierre. *O Espectador, Aquele Que Compreende*. Tradução Clóvis Dias Massa para fins didáticos, para disciplina Recepção Teatral e Contemporaneidade PPGAC-IA-UFRGS. Porto Alegre, 2007.

SLADE, Peter. *O Jogo dramático Infantil*. São Paulo: Ed. Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 1979.